
Biblioteca — a mais Antiga Máquina do Tempo a Caminho das «NET» Notas para uma Proposta Oportuna

MARIA OTÍLIA PEREIRA LAGE

1. Apresentação

A NÚNCIO — PROCURA-SE CASAMENTO TRANSVERSAL. BIBLIOTECA — A MAIS ANTIGA MÁQUINA DO TEMPO pretende conhecer para fins sérios, A MAIS RECENTE VARINHA MÁGICA DA INFORMAÇÃO E DA DOCUMENTAÇÃO (tipo INTERNET). Local de realização das bodas sem pompa mas circunstância: as escolas EBS portuguesas. Padrinhos, Ministérios da Educação da Cultura e da Investigação, Associações Profissionais de bibliotecários, arquivistas e documentalistas, convidados de honra Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, Rede de Leitura Pública, outros convidados mais próximos, universidades com cursos de pós-graduação e todas as instituições a quem estão cometidas responsabilidades de formação e desenvolvimento cultural dos cidadãos portugueses. Dão-se referências. (Post scritum: a enviar a todos os jornais, telejornais dos vários canais televisivos e à PORBASE para que o lance na Internet, nas suas emissões das 9 às 20 horas.)

A brincar, falamos sério e muito a sério. Legitima-nos este modo de falar, mais de uma década de trabalho voluntariamente dedicado ao incremento da função documental nas escolas do Ensino Básico e Secundário, bem como a apresentação de uma proposta estratégica que vamos fazer na medida em que a julgamos necessária, possível e oportuna. Partindo da reflexão sobre um trajecto continuado de múltiplas iniciativas pontualmente desenvolvidas, com menor ou maior sucesso, na área da documen-

tação e informação nas escolas, tema deste encontro nacional, apresentamos algumas linhas para a definição de uma proposta de concertação e estratégia de desenvolvimento, a nível nacional, a qual se consubstancia na implementação de uma rede nacional de bibliotecas multimedia nas escolas, rede concertada que nos está fazendo muita falta há já anos e que por isso, reclamamos de medida de urgência a ser tomada, rigorosa e planificadamente, quanto antes. Falamos da necessidade de um programa para o país centrado em 3 eixos principais — abundância diversificada, harmónica e actualizada de colecções de documentos, combate ao analfabetismo cultural e funcional, através do incremento de meios e mecanismos de formação especializada e capaz de responder bem aos desafios das novas tecnologias, e incentivo à formação de utilizadores, visando a criação acelerada de leitores pela via da motivação plurifacetada e pluriperspectivada.

2. A necessidade de um novo modelo para as bibliotecas — o modelo turbilhonar

Esta proposta tem raízes longínquas: nasce na memória da infância escolar, germina na necessidade do docente, perspectiva-se na actividade específica do técnico de documentação, define-se na aprendizagem do ofício especializado do administrador escolar. Subsume mais de uma década de experiências e pequenos projectos promovidos e apoiados em escolas da Zona Norte desde 1979-1980, ano em que concluímos em Coimbra o curso de bibliotecários, arquivistas e documentalistas. Bem tolerados nas escolas pelo Ministério da Educação, estenderam-se estes projectos e estas actividades, no exterior, a bibliotecas municipais, às equipas de desenvolvimento regional e à formação de pequenos e médios empresários. Desenvolve-se a partir do reconhecimento da necessidade e da possibilidade de reanimar as bibliotecas e por seu intermédio as escolas, organizações que fundamentalmente processam e produzem (in)formação. Fomo-nos entretanto dando conta de que para combater a apatia o subaproveitamento, o esquecimento dos papéis da biblioteca — a mais antiga máquina do tempo — e do documento e da informação — a mais perene tecnologia —, simultaneamente dois dos mais persistentes e naturais recursos educativos da escola mas, paradoxalmente, não enraizadas ainda hoje nas nossas escolas, a lógica dominante de que tudo se sucede por etapas, o modelo tradicional linear, não servem. Têm sido incapazes, sabemos-lo todos, de sustentar algumas iniciativas de recuperação, reutilização, reanimação e modernização das bibliotecas na escola, as quais poderiam passar por medidas tão simples como alicerçá-las na (in)formação e ocupação téc-

nico-profissional de grupos significativos subaproveitados do pessoal docente e não docente das escolas EBS, e na organização de uma estrutura ampla e flexível assente em relações intensas, e em redes de actores sociais diversificadas e de objectos tecnológicos inovadores, a desenvolver em regime de cooperação e com índices mínimos de burocratização. É preciso pois que integremos e consigamos incorporar, nos modos mais correntes de ver as bibliotecas, a documentação e a informação nas nossas escolas, uma nova lógica um novo modelo. Um modelo que à falta de melhor e por contraposição ao modelo linear tradicional, chamamos de «turbilhonar»¹. Um modelo capaz de nos permitir queimar etapas não percorridas nos momentos certos e de viabilizar uma articulação compatível, harmoniosa e equilibrada de meios tradicionais e novas tecnologias, na área da informação e da documentação nas escolas. Um modelo mais em consonância com as mudanças rápidas que o mundo da informação e da educação entre nós vivenciam com algum desnorte, um modelo portanto em que tudo pode acontecer, um modelo em que os profissionais da informação e da educação não têm o monopólio nas suas áreas de actividade, um modelo em que tudo pode mudar — o público alvo, os objectos técnicos, os objectivos, os produtos e os serviços, a própria natureza das necessidades e portanto da documentação e da informação que é preciso coligir, tratar, difundir e servir.

Um modelo, em suma cujo lema seja inovar, mas inovar no sentido de misturar, adaptar, experimentar, seleccionar, saber e saber aprender, saber fazer concessões e alianças, procurar os melhores aliados e fazer associações de competências especializadas e heterógeneas entre actores sociais — leitores, técnicos de ensino e da documentação e informação, informáticos, chefes — e objectos técnicos e inovações tecnológicas — thesauri, protocolos, software, ferramentas electrónicas. Um modelo, em síntese, assente nas novas redes sociotécnicas que estão emergido também entre nós, e preparado para produzir e consumir a inovação tecnológica em situação processual, sabendo pois integrar e ou contornar as manhas e as manias dos recursos e dos objectos, seres humanos e não humanos. Perfeitamente compatíveis com tal modelo são assim as seguintes concepções que perfilhamos e que vão no sentido de considerar o governo de uma escola *«como uma agulha de marear para a navegação social; uma actividade que necessita um constante fluxo e refluxo de informação»* e onde por isso *«a administração trata da recolha e da difusão da informação existente para reduzir a incerteza quanto ao meio em que actua... ocupa-se da relevância da informação para as estratégias tácticas... tenta estabelecer um clima que estimule a criação de conhecimento e informação novos para todos, converter dados brutos em produtos e serviços...»*. Na mesma linha de pensamento, a *«situação de comunicação*

interpessoal é aquela para que tendem todos os modelos de transferência da informação, imbatível em vantagens de *feedback* e em sutileza.» e as bibliotecas desde as mais clássicas às mais modernas bibliotecas virtuais, sem paredes, são uma «estrela de comunicação»; «as agências humanas» que a partir delas, dentro e fora, se ocupam da transferência da informação, são a materialização viva do tão esquecido princípio de que a «informação é gente»². Na sequência destas considerações, inferimos que importa reorientar definitivamente os rumos da luta que se tem vindo a travar pela existência real de modernas bibliotecas nas nossas escolas, incrementando em moldes novos os nossos esforços e mobilizando activamente melhores e mais fiéis militantes, afinal por uma outra forma de poder, um poder mais subtil, simultaneamente firme e democrático, de que as bibliotecas — máquinas de gerir saberes e memórias, indispensáveis à afirmação da nossa autonomia e identidade — são um dos garantes. Assim a introdução e difusão da BIBLIOTECA MULTIMEDIA NA ESCOLA, que reclamamos, passa, na nossa perspectiva, pelo lançamento alicerçado da rede nacional de bibliotecas e leitura escolar.

3. Biblioteca multimedia nas escolas — Uma nova proposta a considerar

E porque «*C'ò que li e c'ò que escrevi, inda me não enfadei*» (Sá de Miranda) tendo assim sido levada a pensar também que «*Livraria que uma criança possa revolver e folhear à vontade é divertida como um presépio e mais instrutiva que uma universidade*» (Aquilino Ribeiro), passo a enunciar o ponto de partida e alguns princípios básicos a ter em conta no estabelecimento de um programa nacional de desenvolvimento de bibliotecas multimedia nas escolas, que se reclama urgente. Nessa medida trago antes de mais à vossa consideração três afirmações — a informação, uma necessidade; um direito, a formação; a leitura um prazer. Para além de questões a reflectir, trata-se mais propriamente do que poderemos chamar palavras de ordem para o programa de lançamento da rede nacional de bibliotecas e leitura escolar que se faz urgente e que, julga-se, deveria partir da integração do modelo turbilhonar atrás esboçado. Isto porque a escola reaprende hoje, a custo, a sua nova função social, e a tecnologia da documentação e da informação é a tecnologia que por experiência própria melhor conhece e tem que reconhecer que reintegrá-la, nas suas novas roupagens, é um dos caminhos mais seguros para o sucesso dessa reaprendizagem. Estes são os pressupostos genéricos da proposta que fazemos de lançamento de um programa nacional de cria-

ção da rede de biblioteca multimedia na escola que trazemos para debate, e cujo pressuposto primeiro, alegoricamente falando, se traduz no anúncio de casamento com que introduzimos esta nossa comunicação. Pensada a 3 níveis: o da concepção e desenho, coordenação, execução e avaliação, esta nossa proposta de lançamento de um programa nacional que trazemos para debate, incorpora 3 apostas fundamentais: elaboração metódica e difusão sistemática de guias, manuais técnicos e outros mecanismos de formação, constituição e apetrechamento de equipas de projecto para a Mudança e o Movimento necessários e a institucionalização de uma agência ou ponto focal nacional para o acompanhamento coordenação e articulação dos «produtos-projecto» que paulatinamente foram e irão surgindo encadeados ou susceptíveis de autonomização. «BIBLIOTECA MULTIMEDIA NA ESCOLA» exige boas publicações didácticas e práticas, dedicadas aos métodos e técnicas de tratamento, difusão, comunicação e rentabilização racional da documentação e da informação que nas últimas décadas, tiveram em todos os países um grande desenvolvimento, elemento primordial para a acção e a investigação em todos os sectores de actividade das sociedades modernas que caminham a passos largos para a era da sociedade de informação. Guias capazes de sugerir e ensinar o aproveitamento racional dos recursos bibliográficos e das suas possibilidades didácticas para facilitar o ensino personalizado, a aprendizagem autónoma e a globalização do processo educativo, utensílios de trabalho que forneçam o essencial das normas e protocolos e actualizações internacionais em matéria de bibliotecas, documentação, informação, informática documental, métodos e técnicas de leitura e indicações precisas sobre os diversos procedimentos que a cadeia das operações documentais comporta bem como a adopção de novas soluções e novas tecnologias. Um outro conjunto de medidas deverá ser pensado e implementado em torno da constituição das colecções de documentos a afectar e a constituir nas escolas, acompanhado naturalmente da afectação dos correspondentes meios materiais e técnicos imprescindíveis às práticas de utilização e intercâmbio dos materiais bibliográficos e documentais e sua efectiva difusão e intensa comunicabilidade. Isto porque «*O processo educativo torna-se hoje, matéria de toda a escola, concebida como um «sistema» que põe em correlação homens, máquinas, locais, recursos e documentos de toda a espécie. Está tudo centrado na eficácia pedagógica da instituição... esta pedagogia só pode traduzir-se na prática pela mediateca, reunindo numa espécie de simbiose, um centro de documentação multimedia e áreas de trabalho de utilização múltiplas. Esta simbiose é indispensável se a mediateca não quer ser um mito*»³. Um terceiro conjunto de medidas directamente vocacionadas para o incremento e a formação desde tenra idade, de utilizadores. Para esse efeito, e partindo de um

protótipo de guia para utilizadores de biblioteca que concebemos apresentamos metaforicamente uma sugestão de tópicos a considerar. Assim num momento a que chamamos «Biblioteca em fogo», título de uma das obras da série Biblioteca de Vieira da Silva, far-se-ia uma iniciação à história passada e contemporânea das bibliotecas, do livro e do documento. Um outro momento, que intitulamos «para não morreres idiota», seria destinado à apresentação e aprendizagem didáctica, e à aprendizagem desenvolvida, gradual e aprofundada das potencialidades dos recursos literários, culturais, bibliográficos e documentais, património da humanidade. Em outros dois momentos, «o aprende a servir-te» e «cada macaco no seu galho», seria dado o mote para uma iniciação ao funcionamento, usos e práticas na e da biblioteca, do livro e da informação, enquanto recursos estratégicos essenciais ao desenvolvimento actual dos saberes, das culturas, dos conhecimentos. Por último, o momento destinado aos utilizadores para «tomarem a palavra», intervindo por sua vez na melhoria e desenvolvimento das bibliotecas, da documentação e da informação.

4. Conclusão

Termino com um desafio. E se escrevessemos uma carta aberta colectiva ao primeiro ministro? Uma carta aberta, muitas cartas abertas, pedindo-lhe que junte à sua paixão — a educação —, a nossa necessidade — um programa nacional para o desenvolvimento de bibliotecas multimedia nas escolas, capaz de pensar as restrições ou condicionantes como objectivos, um programa que conduza à criação das condições que possibilitem passar do capital de conhecimento acumulado ao trabalho criativo e que leve ao abandono definitivo do nosso já velho mais ainda generalizado modelo de escola de livros adoptados e de bibliotecas escolares orfãs, (isto é, sem organização, sem funcionamento e sem animação), rompendo decisivamente o ciclo vicioso deste nosso problema crónico. Deixo com esta comunicação o meu contributo. No que possa ter de positivo, fica a dever-se aos muitos que não deixaram de nos desafiar, principalmente aos que desempenharam ou venham a desempenhar o papel de «advogados do diabo». A todos agradeço.

Notas

¹ PEREIRA, Maria Nazaré Freitas — «A panaceia informacional I e II». *Cadernos BAD*, (1), 1995, pp. 103-113

² MCGARRY, M. J. — *Da documentação à informação*. Lisboa: Presença, 1984.

³ DECAIGNY, Theo — *Um novo mito a mediateca...?* «Bul. d'Inform.», MEN, Bélgica, 1972.

RESUMO: Partindo de, e integrando, ensinamentos colhidos numa experiência de mais de uma década de trabalho regular, actividades e projectos dedicados à dinamização das bibliotecas e da leitura nas mais diversas escolas EBS do Norte, Centro e Sul do país, bem como à motivação e formação de professores de todos os níveis de ensino, em toda as áreas temáticas consideradas neste primeiro Encontro Nacional de Documentação e Informação na Escola, contrapõe-se ao modelo linear espasmódico e subdesenvolvido de bibliotecas escolares que entre nós existe, um novo modelo designado de «turbilhonar» que esquematicamente se esboça e com o qual, assente em novas redes de actores, se visa a introdução efectiva da biblioteca multimédia na escola. O que passa também, numa perspectiva que se defende, pelo lançamento de um programa nacional para o desenvolvimento da rede nacional das bibliotecas e da leitura, programa possível e necessário. Para a elaboração da respectiva proposta que se sugere e reclama como urgente e oportuna, apresentam-se alguns princípios considerados básicos e trazem-se para o debate necessário duas ou três notas.